

O SAGRADO E A CRIATIVIDADE

Gilberto SAFRA

Instituto de Psicologia USP

PUC/SP

Para Winnicott, o bebê humano precisa criar o objeto que suprirá as suas necessidades. É esta experiência que dará as condições para a realização das potencialidades inerentes à sua singularidade. As suas necessidades são não só os aspectos fundamentais para sua sobrevivência física, mas também as funções proporcionadas pelo meio ambiente para a sua realização psíquica. As suas características singulares integram-se na experiência intersubjetiva com sua mãe.

É o estado devotado da mãe frente ao seu bebê que possibilita este acontecimento. Neste estado psíquico, a mãe olha o seu bebê como **ser**, como a pessoa que ele é e será ao longo do tempo. Observa-se que ela se organiza segundo as características de sua criança, principalmente, através de sua adaptação ao ritmo biológico do bebê. O gesto do bebê nasce de suas tensões instintivas e cria a mãe que ele necessita encontrar.

Este primeiro momento do encontro do bebê com sua “mãe devotada comum” inscreve na vida psíquica da criança uma experiência estética de encanto, abrindo-se a vivência de ilusão. A mãe se fez à “imagem e semelhança de seu bebê”. Este acontecimento possibilita o início da constituição da subjetividade da criança.

Bollas (1992) assinala que a mãe nesse momento do desenvolvimento da criança, é menos significativa e identificável como objeto do que como um processo, associado às transformações no *self* do bebê. Para ele esta primeira experiência subjetiva do infante com o objeto, constitui o que denominou de **objeto**

transformacional. Este objeto é identificado experimentalmente pelo infante com processos que alteram a experiência de *self*. Ele afirma:

*Ainda não totalmente identificada como um outro, a mãe é experienciada como um processo de transformação e esta característica dos primeiros tempos de vida perdura em certas formas da busca do objeto na vida adulta, quando o objeto é procurado por sua função de indicador da transformação. Assim, na vida adulta, o que se procura não é possuir o objeto: melhor dizendo, o objeto é perseguido para que se renda à ele como meio que altera o **self**, onde o sujeito como suplicante sente-se agora como o receptor dos cuidados ambiente-somáticos identificados com as metamorfoses do **self**.(p.28-29)*

Considero que além do aspecto transformacional presente no primeiro encontro entre a mãe e o infante, há também a vivência estética decorrente da reapresentação do estilo de ser do bebê pelo cuidado materno. O que se observa em pacientes em análise é a busca de situações e objetos que tragam metamorfose e desenvolvimento de *self*, mas também que impliquem na constituição e inserção do estilo de ser do paciente nas diversas áreas da experiência humana.

O *self* não se instaura de forma definitiva, mas sim em ciclos. O indivíduo pode ter elementos de seu *self* que se inscreveram no encontro com o outro e muitos outros que não chegaram a evoluir e se simbolizarem. Este fenômeno leva o indivíduo a experimentar a necessidade de encontrar um objeto que possa promover a evolução dos aspectos de seu *self* que não chegaram a acontecer pelo encontro com um outro ser humano, condição necessária para colocar em marcha o processo de simbolização necessário ao devir do *self*.

A cada vez em que um determinado aspecto que, potencialmente poderia vir a se constituir na relação com um outro como um elemento de *self*, o paciente experimenta, novamente, uma vivência de alegria, de júbilo, de encantamento. A experiência vivida desta forma é nomeada pelo paciente como sagrada.

Percebe-se na situação analítica que o indivíduo concebe a dimensão do sagrado a partir da matriz decorrente das diferentes experiências que trouxeram a metamorfose de *self*, através da vivência de encanto.

É neste primeiro sentido de realidade -- a realidade subjetiva -- que o sentido de sagrado parece constituir-se no *self* do indivíduo. É nele que o encanto transformador do *self* surge e torna-se possibilidade, o que permite que a pessoa possa experimentar esse tipo de vivência ao longo de sua vida.

Estou afirmando, portanto, que a experiência do sagrado surge antes que o indivíduo tenha qualquer tipo de representação ou concepção sobre o divino. O sentido do sagrado está relacionado a dimensão ôntica do *self*.

Nem sempre as situações que levam o indivíduo a viver o sentido de sagrado está relacionada com a religião professada pelo paciente. Na maior parte das vezes, muito tempo passa na vida de uma pessoa até que ela possa viver o sentido de sagrado na religião em que nasceu. Esta possibilidade parece acontecer no momento em que o paciente consegue fazer da religião convencional, uma experiência subjetiva. O indivíduo apreende de maneira pessoal a religião convencional. Apesar de muitas vezes participar das cerimônias oficiais de um determinado culto religioso, tem delas uma interpretação idiossincrática, fenômeno transicional em que a pessoa vive, ao mesmo tempo, o público e o pessoal. Trata-se do fenômeno descrito por Winnicott, como elemento de criação do mundo: a apercepção criativa.

Poderíamos compreender o sentimento religioso como uma tentativa de busca do sagrado, entendido como o anseio da potência de ser. O divino é concebido como o elemento absoluto, no qual sempre é possível ver refletido o próprio estilo de ser e no qual se estaria, eternamente, na experiência de júbilo e de encanto.

Penso ser necessário discriminar o sentimento religioso, do sentimento de sagrado. No sentimento religioso encontramos, freqüentemente, um sentimento de reverência, de solenidade frente ao Outro Absoluto. Na vivência do sagrado o indivíduo pressente o Ser, e vive uma transformação em seu *self*, não é relevante para essa experiência a consciência de um outro.

Winnicott resitua o sujeito humano enfatizando que o ser se constitui quando cria, desta forma mostra que, segundo o seu ponto de vista, o homem caracteriza-se pela capacidade de criar símbolos e realidades, onde a sua própria vida é a sua obra ao mesmo tempo em que é o ícone do seu ser.

Essas questões são essenciais, pois a perda do sentido de sacralidade leva o homem à perda de aspectos fundamentais ao devir de seu *self*. Trata-se de uma situação que, em seu extremo, pode levar à coisificação da pessoa humana, à perda da criatividade primária, e à cisão entre a capacidade de criar imagens subjetivas -- a imaginação -- e a capacidade discursiva, necessária ao pensamento lógico. O processo de cura, na situação clínica busca o estabelecimento do sentido de sagrado através da abertura da possibilidade da recuperação da capacidade criativa na transfiguração do mundo pela realidade pessoal e subjetiva. Ou seja, fundamentalmente, reencontrar o *self* em seu devir.

Referências Bibliográficas

BOLLAS, C.- (1987) *A Sombra do Objeto*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1992.

WINNICOTT, W. D- (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975.